

## A EDUCAÇÃO RELIGIOSA FEMININA NA IGREJA BATISTA

WAMBERTO QUEIROZ DE LIMA

Mestrando em Ciências das Religiões/UFPB

[prqueirozlima@hotmail.com](mailto:prqueirozlima@hotmail.com)

### 1 INTRODUÇÃO

A busca por conhecimento, visando dar uma maior contribuição a sociedade de sua época, nutrindo a geração do seu tempo, fez parte da vida da mulher, onde quer que ela estivesse inserida. Não apenas na esfera familiar, mas também religiosa, ela tem se posicionado como aquela que não se dispõe apenas a aprender, mas também a ensinar, compartilhar e partir em busca do entendimento mais exato possível de sua regra de fé e prática.

No final do século XIX, temos várias afirmações que mostram a situação da mulher no que se refere à educação no Brasil:

*“... do total das mulheres brasileiras, quase dois terços destas eram analfabetas, embora o mesmo acontecesse com a população geral. Ao mesmo tempo principiaram-se os debates sobre a co-educação e já em 1880, na inauguração da terceira Escola Normal na Província de São Paulo, introduziram-se as aulas mistas.” (ALMEIDA, 1995, p. 73)*

*“Desde o Decreto de 15 de Outubro de 1827, o governo imperial havia estabelecido um currículo não profissionalizante para a educação feminina, voltado para a formação de donas de casa, composto pelas seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas” (MANOEL, 1996, p. 23).*

Esse era o cenário brasileiro, onde a mulher era direcionada aos afazeres domésticos, conservando os seus dotes culinários. Surge então no século seguinte uma jovem amazonense, saindo de uma região não tão desenvolvida para época, em busca de um maior conhecimento teológico, para poder ensinar na igreja da qual fazia parte, com maior entendimento dos fatos bíblicos. Uma mulher no interior do país, resolvendo ultrapassar as fronteiras estabelecidas pelas determinações sociais, religiosas e distâncias geográficas.

Josefa Silva foi pioneira na educação religiosa da denominação batista, quando se destaca ensino feminino no Brasil. Nome a ser lembrado por todos aqueles que acreditam em

---

seus sonhos e lutam para realizá-los. Em meio ao seu sonho, iniciou-se uma jornada árdua, com destino a outros horizontes, nunca antes imaginado na igreja batista brasileira.

*“O ano de 1907 abre um novo ciclo nas atividades batistas no Brasil. Os primeiros vinte e cinco anos de atividades tinha [sic] consistido em espalhar a boa semente, fundar campos missionários, desbravar a selva, para depois se organizar todo este trabalho em 1907”. (MESQUITA, 1940, p. 17)*

## **2 A LUTA POR CONHECIMENTO TEOLÓGICO: ENTRAVES E SUPERAÇÕES NOS SEMINÁRIOS BATISTAS**

No ano de 1917, Josefa Silva inicia uma jornada que talvez para muitos fosse utópica, mas que proporcionou uma maior abertura na visão de uma denominação considerada democrática, mas que nesse período histórico não tinha aberto ainda as portas do ensino para o gênero feminino.

“Nos primeiros anos do século XX, jornais femininos e pedagógicos relatavam uma disputa pelo poder dentro da profissão, com os professores resistindo à entrada maciça das mulheres no magistério e chamando-as de usurpadora do trabalho alheio” (ALMEIDA, 1995, p. 75).

Sua jornada inicia-se quando saindo do estado do Amazonas, parte para Recife, capital do estado de Pernambuco, em direção ao primeiro seminário batista da América Latina, o Seminário Batista do Norte do Brasil, onde já sabia que havia instrução religiosa naquele período. Parte em busca de um maior entendimento da bíblia, considerada de fundamental importância para ela, afim de que viesse dar aulas com maior profundidade no conhecimento teológico, na escola realizada aos domingos pela manhã na sua igreja.

“Somente no século passado, após a independência, o ensino, pelo menos ao nível dos projetos de leis, se tornou gratuito e extensivo a todos, inclusive às mulheres - que até então só tinham acesso à educação religiosa, nos recolhimentos e conventos” (BRUSCHINI, 1988, p. 5).

O Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB) é assim chamado, devido o Brasil, na ocasião de sua fundação, estar dividido geograficamente em apenas duas regiões, Norte e Sul. Nasceu como resultado da visão do judeu-russo Salomão Luís Ginsburg, missionário vinculado à Junta de Richmond, nos Estados Unidos, que chega ao Brasil em 10

de junho de 1890 para iniciar uma campanha de explanação das palavras do evangelho pelos estados do Brasil. Sendo transferido do Estado do Rio de Janeiro para Pernambuco em 1900, recebeu a responsabilidade de continuar uma classe teológica, com quatro moços, iniciada em 1899 por W. E. Entzminger.

A cerimônia de instalação do primeiro seminário batista no Brasil ocorre em 1º de abril de 1902 e seu objetivo foi expresso por ocasião de sua fundação, quando o primeiro diretor, Jefté Hamilton, disse: “O Seminário não faz ministros, pois é Deus quem chama”. Baseado então nessa afirmativa estava estruturada uma organização voltada para o gênero masculino, beneficiando-o e sem sequer poder ser questionada, já que o chamado para esses homens teria sido feito pelo próprio Deus. Que segundo esse discurso, nenhuma esperança tinha dado as mulheres nessa época, pois não convocou nenhuma para fazer parte do quadro de discentes dessa recém inaugurada instituição educacional.

*“Nos 75 anos de história do Seminário, 281 alunos se graduaram em Teologia. Desses, apenas quatro mulheres. Até princípios dos anos 1970, não houve registro de nomes de mulheres no quadro de concluintes do curso de Teologia. Em 1973, surgem os nomes de Ina Maria Ramos e Maria Betânia Melo de Araújo. Stella Souza Rocha formou-se em 1974. E em 1977, a formatura de Evangelina Alves Trindade” (YAMABUCHI, 2009, p.172).*

Matricular-se para estudar melhor a bíblia no seminário batista, foi o projeto de Josefa Silva, mas ao chegar a Pernambuco, teve a triste notícia que não apenas o curso, mas também o seminário era destinado exclusivamente para homens.

*“Todas essas dimensões poderiam oferecer um rico repertório para pesquisas, ensaios, perguntas, propostas se olhadas através de um enfoque de gênero, que resumo aqui na relação de dominação do masculino sobre o feminino, no privilegiamento da produção e administração de riquezas sobre a produção da vida, como um dos eixos para compreender essa dinâmica social” (ROSEMBERG, 2001, p.3).*

Com relação a esses tratamentos dados as mulheres, durante muito tempo na história da humanidade, Beauvoir em entrevista destaca: “Se alguém é mulher, jamais se tornará homem. Isto é, de fato, fazer parte de uma casta. E a forma pela qual as mulheres são tratadas no plano econômico, social e político, faz delas uma casta inferior” (SCHWARZER, 1985, p. 36).

Determinada a não retornar a sua região até que tivesse recebido o preparo adequado para exercer sua atividade de professora da Bíblia junto às suas crianças no Amazonas, Josefa é acolhida na residência do missionário Zachary Clay Taylor, que enviado pela junta de

Richimond, chegou ao Brasil em 1882, se encontrando na região pernambucana nesse período.

“No Brasil, a partir da proclamação da República, muitas mulheres, entre elas algumas professoras, escreveram aos jornais reclamando por mais escolas para o sexo feminino e pelo direito de votar e serem votadas” (ALMEIDA, 1995, p. 75).

O missionário Taylor resolve organizar em sua residência a primeira escola feminina do Brasil para estudo da Bíblia, para aprimorar os conhecimentos teológicos de Josefa Silva. A princípio, a escola recém criada recebeu o nome de Escola da Bíblia, formando duas alunas em 1918, Josefa Silva e Anísia Duclerc.

A história dessa escola continua e em 1920, há uma mudança de local para melhor receber o maior número de alunas matriculadas. Posteriormente, há também a mudança de nome para Training Scool, com apoio norte americano.

Em 1922 a Training Scool passou a se chamar Escola de Trabalhadoras Cristãs, e funcionava em uma área bem maior, abrigando e formando cada vez mais alunas de todo o Brasil.



Em 1958, formou-se a 1ª aluna com o grau de Bacharel em Educação Religiosa, Marialva Gonçalves, razão porque a Escola recebeu o nome de Seminário de Educadoras Cristãs. Apenas em 1994, passou a chamar-se Seminário de Educação Cristã.

Também no ano de 1922, foi criado no Rio de Janeiro o Instituto Batista de Educação Religiosa - IBER, com o objetivo de preparar mulheres para as várias atividades na igreja, exceto o pastorado.



*“A nossa declaração doutrinária não é autoridade paralela às Escrituras, mas é um demarcador doutrinário e um resumo da teologia cristã do povo batista nos seus dezenove artigos”.* (SILVA, 2003, p. 72)

Com a ampliação de suas atividades o IBER tornou-se um Centro Integrado de Educação e Missões - CIEM.

Parecendo que estava tudo resolvido quanto ao estudo da mulher batista nas escolas especializadas, não se esperava que ao sair formada, a mulher ainda ficava muitas vezes sem campo de trabalho nas igrejas, que tradicionalmente aguardavam serem ensinadas por seus pastores. Restavam-lhe então algumas alternativas: a sala de aula, na



escola da bíblia quando faltasse o professor homem, ou o campo missionário, onde indicada pelo pastor de sua igreja, exerceria o papel de missionária distante do seu local de origem. A ela era orientado levar os ensinamentos de sua igreja nas comunidades, fazendo discípulos. Batizar, celebrar casamentos ou realizar ceia, ainda era tarefa destinada apenas ao gênero masculino. Caso ela não concordasse, restava-lhe aguardar o casamento com alguém do ministério pastoral, para que assim pudesse exercer o que acreditava ser destinado a sua vocação.

As estudantes do IBER e do SEC tornaram-se nesse período, motivos de piadas por parte de alguns, contrários ao ensino feminino. Declaravam os preconceituosos, que esses seminários formavam mulheres para os pastores.

As Escolas criadas se tornaram escolas de envio de missionárias ou de extensão do ministério pastoral. Essa falta de visão e entendimento do trabalho feminino provocou alguns constrangimentos para essas mulheres, pois surgiu a idéia através dos discursos declarados, que as igrejas precisavam de um pastor e uma educadora religiosa.

A montagem desse pacote para serviços religiosos (pastor + educadora religiosa) favoreceu a igreja, fortaleceu o ministério masculino e frustrou a vocação daquela que se sentisse chamada para o ministério pastoral ou apenas para o ensino. Contratavam-se dois trabalhadores, pagando apenas ao homem pelo serviço realizado no pastorado.

*“A religião, ainda hoje, exerce uma importante função de produção e reprodução de sistemas simbólicos que têm influência direta sobre as relações sociais de sexo. As representações sociais acerca do homem e da mulher, portanto, não podem ser entendidas sem lançarmos o olhar sobre a religião e suas implicações sobre a construção social desse homem e dessa mulher”.*( SOUZA,2001, p. 7)

Outro constrangimento ocorria, no fato da perda de identidade dessa mulher que a igreja já não a chamava pelo nome, mas ficou sendo conhecida como a educadora religiosa, a missionária ou “a esposa do pastor”. Até congressos para esposas de pastores passaram a existir, fortalecendo essa idéia da mulher favorecendo o ministério masculino.



No estado da Paraíba, foi proposta a criação do Instituto Teológico Batista de Ensino Superior – ITEBES, em ata de 08/10/1988, página 31 (lado B) nas linhas 20 a 24. Sendo sua execução em 11/03/1989, já contando com 07 disciplinas e 22 alunos matriculados. Tendo em sua diretoria três pastores, o número de alunos concluintes em 1992 foi de seis alunos bacharéis em Teologia, numa turma mista. Essa turma foi chamada de “Pioneiros da

esperança”. As dificuldades encontradas no início do século vinte por Josefa Silva, não foram encontradas pelas alunas matriculadas no ITEBES/PB. Que até hoje, continua formando suas alunas em Educação Religiosa, Bacharel em Teologia e o curso mais recente, Teologia Ministerial.

### **3 O ESTUDO LEVANDO AO CRESCIMENTO ORGANIZACIONAL: EDUCAÇÃO E DEPARTAMENTOS**

A organização do departamento feminino na igreja batista, sem necessariamente ter como ênfase a chamada ministerial começa em 1893, quando um grupo de mulheres, lideradas pela missionária americana Emma Morton Ginsburg, (esposa de Salomão Ginsburg) reúne-se para oração e estudos de missões na Bíblia, na primeira igreja batista de Niterói, RJ. Dá-se início ao que seria a primeira União Feminina Batista.

Em 1902 consta a organização da primeira Sociedade de Crianças, Raio de Luz, no dia 2 de agosto, na Igreja Batista do Engenho de Dentro, RJ. Em 1907, em uma das reuniões da primeira Assembléia da Convenção Batista Brasileira, Emma Morton, uma apaixonada pelo trabalho das mulheres, apresentou o projeto para a criação de uma organização que reunisse todas as sociedades de senhoras numa organização nacional. Em 23 de junho de 1908, quando ocorreu a 2ª reunião da Convenção Batista Brasileira, organizou-se a União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil, com 20 sociedades de senhoras e cinco organizações de crianças já existentes em todo o Brasil.



(Segunda diretoria da União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil – 1911. Na foto, quatro delas, Graça Entminger (presidente), Jane Soren (vice presidente) e Isabel Costa (1ª secretária) e Edelvira Rodrigues de Moraes (2ª secretária) fizeram parte da primeira diretoria em 1908. A última à direita é Emma Paranaguá, eleita tesoureira na diretoria de 1911)

O nome inicial União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil foi mudado em 1910 para União Geral das Sociedades de Senhoras, auxiliar da Convenção Batista Brasileira. Em 1919, com o objetivo de participar mais diretamente da CBB, a União Geral torna-se uma Junta de Trabalho de Senhoras, dentro da estrutura da Convenção. A experiência, porém, não deu certo e em 1922, três anos depois, a União pediu para desmembrar-se da Junta e passou a denominar-se União Geral de Senhoras do Brasil (auxiliar da CBB), com o direito de convocar as reuniões e ter sua própria Assembléia.



*“As Senhoras não apreciaram a experiência de terem seu trabalho dirigido por uma Junta da Convenção [a Junta Executiva] e solicitaram o retorno da antiga União Missionária, funcionando com certa autonomia”.* (PEREIRA, 1982, p. 96)

No ano de 1922 saiu à primeira revista, intitulada Revista Para Trabalho de Senhoras Batistas, contendo programas para senhoras, moças e crianças. Também, nesse ano, as



Sociedades de Moças foram incluídas e a União passou a adotar o nome: União Geral de Senhoras do Brasil, órgão auxiliar da Convenção Batista Brasileira. Pouco a pouco, o trabalho da União Geral foi se desenvolvendo, tanto na publicação de literatura, como na expansão de seu



ministério. Mensageiras do Rei, a organização mais jovem, surgiu em 1949, sob a liderança da missionária Minnie Lou Lanier, alcançando as pré-adolescentes e as adolescentes.

*“É curioso, mas interessante, este elogio feito por Emílio W. Kerr, em discurso proferido perante a Primeira Convenção Batista Latino-Americana, em 1930, no Rio de Janeiro: “Senhores: por um cálculo pessimista, ousou declarar-vos, neste momento solene, que setenta por cento de tudo quanto se há feito entre os batistas brasileiros cabe às senhoras. Estai, porém, apercebidos de que vos previno: por um cômputo aquém da realidade; porque, através do pouco que me compete relatar, vades ver que as senhoras batistas poderiam debitar-nos por muito mais”.* (PEREIRA, 1982, p. 352)

Em 1941 a Convenção Batista Brasileira concedeu à União Geral o privilégio de dirigir a então Escola de Trabalhadoras Cristãs, hoje Seminário de Educação Cristã, em Recife, PE, e a Escola Teológica de Obreiras, no Rio de Janeiro, que mais tarde, com nova sede, tornou-se o Instituto de Treinamento Cristão, ITC, depois Instituto Batista de Educação Religiosa, IBER, e agora, Centro Integrado de Educação e Missões, CIEM. Somente em 1963 passou a ter o nome atual: União Feminina Missionária Batista do Brasil, UFMBB.

*“Os tempos mudaram [...]. Acompanhamos a evolução social inclusive, usando recursos e métodos que os cristãos primitivos não usaram”.* (SANCHES, 1976, p. 4)

Desta forma, a mulher na igreja batista contribuiu positivamente para a educação religiosa e organização departamental de sua estrutura eclesial, sendo um ponto decisivo, no crescimento do trabalho evangelístico no seu país. Superou cada obstáculo que surgiu de

---

forma destemida, sempre olhando para o futuro e querendo alcançar um conhecimento que muitas vezes, estava sendo negado.

## **REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na escola:** Algumas reflexões sobre o magistério feminino. SP: 1995

BRUSCHINI, Tina Amado e Cristina. **Educação:** Algumas sugestões sobre o magistério. SC: FCC, 1988.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio:** Uma fenomenologia feminista do mal. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GOMES, Alberto A. **Apontamentos sobre a pesquisa em Educação:** usos e possibilidades do grupo focal. São Paulo: Eccos, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidades: pedagogias contemporâneas.** Proposições, V. 19, nº 2 (56), Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina:** 1859 – 1919, uma face do conservadorismo. SP: UNESP, 1996.

MESQUITA, Antonio Neves de. **História dos batistas.** RJ: JUERP, 1940.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **Bruxaria e história:** as práticas mágicas no Ocidente cristão. São Paulo: Ática, 1991.

PEREIRA, J. Reis. **História dos batistas no Brasil (1882-1982)** RJ: JUERP, 1982.

---

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da historia.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

ROSEMBERG, Fulvia. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo.** SC: FCC, 2001.

SANCHES, Júlio Oliveira. **Pastora: qual o perigo?** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 15 ago. 1976.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir hoje:** entrevistas concedidas. Trad. José Sanz. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

SILVA, Roberto do Amaral. **Princípios e doutrinas batistas: os marcos de nossa fé.** Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

SOUZA, Sandra Duarte. **Entrecruzamento Gênero e Religião: um desafio para os estudos feministas.** *Mandrágora:* Revista do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina. São Bernardo do Campo, SP, 2002.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. Tese: **O debate sobre a historia das origens do trabalho batista no Brasil.** São Paulo: UMESP, 2009.